

MATRICULO-ME, LOGO EXISTO: EFEITOS DO VERBAL E DO NÃO-VERBAL NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Ederson Luís Silveira¹
Nathan Bastos de Souza²

RESUMO

O presente trabalho visa empreender um exercício de interpretação a partir de dois cartazes comerciais de vestibulares de universidades particulares tendo como referencial teórico a análise de discurso francesa de linha pecheutiana. Levando em consideração a relação entre a língua e a história é necessário perceber o texto como peça de linguagem atravessado por sentidos e diversas subjetividades, ambos inscritos em distintas formações discursivas. Os resultados apontam para a formação ideológica mercadológica/capitalista que subjaz a concepção de ensino como mercadoria.

Palavras-chave: educação mercadológica, linguagem e história, análise do discurso.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo o discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.
Eni Orlandi

Dos pressupostos teóricos: A análise de discurso

Pensar o texto como unidade de análise a partir das condições de produção requer inscrever-se em uma área de estudos que, a partir de Michel Pêcheux apresentou, na década de 60, a noção de discurso enquanto efeito de sentido entre interlocutores. Requer também acentuar que a análise do discurso de linha francesa busca descrever e tecer gestos de interpretação acerca dos sentidos que são produzidos e circulam na sociedade, a partir da consideração de uma indissociabilidade entre língua e história. Segundo Orlandi (2013, p 15) a AD tem como pressuposto que “[...] a língua fazendo

¹ Mestre e Doutorando em Linguística pela UFSC. E-mail: ediliteratus@gmail.com

² Mestrando em Linguística pela UFSCAR. E-mail: nathanbastos600@gmail.com

sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Ao considerar o sujeito e a história tomados pela ideologia, a AD percebe a linguagem como não transparente e a opacidade do fato de linguagem torna-se passível de compreensão, ao invés de visar à eliminação dessa última característica. Desse modo, temos um deslocamento em relação a outras teorias linguísticas: “[...] ela pensa a compreensão (e não a descrição finalista) do fato da linguagem, introduzindo explicitamente a noção de ‘funcionamento’” (ORLANDI, 2014b, p. 11). Então, para Orlandi (2013), trata-se de interpretar “como este texto significa?” visto que, a partir dessa perspectiva teórica, “[...] a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (ORLANDI, 2013, p.25).

Tomando emprestada uma construção de Pêcheux acerca do campo metafórico e relacionando-a com o terreno de constituição disciplinar enquanto lugar de entremeio teórico, Orlandi (2014a) afirma que a AD se articula (problematizando) como uma constelação de processos discursivos³ a partir de três áreas de conhecimento: “[...] teoria da sintaxe e da enunciação, teoria da ideologia e teoria do discurso, que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica.” (ORLANDI, 2013, p. 25) Assim, os domínios disciplinares que estiveram presentes desde a fundação da AD são: o da Linguística (a língua), o da Teoria das ideologias (materialismo histórico, ideologia) e o da Psicanálise (sujeito, inconsciente)⁴.

A seguir, apresentaremos alguns conceitos que servirão como ferramentas para a análise posterior. Um dos conceitos basilares da AD é a noção de Formação Discursiva⁵. Cabe destacar que ela determina posições, mas não preenche estas posições de sentido. Para Courtine (1994), é a matriz de sentidos reguladora do que pode e deve ser dito pelo sujeito e também o que não pode nem deve ser dito. Portanto, nenhuma FD é homogênea e idêntica a si mesma, visto que as FDs são

³ A afirmação no original está relacionada ao campo metafórico que para Pêcheux (2002) se articula como uma constelação de processos discursivos.

⁴ Em 1966, Pêcheux publica seu primeiro artigo em 1966 na revista *Les Cahiers pour l'analyse*, intitulado “Reflexões sur la situation théorique des Sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale”, sob o pseudônimo de Thomas Herbert. É quando ele menciona que presente articular, em seu trabalho de interpretação os três continentes da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise. Em português, o texto emergiu em uma coletânea organizada por Eni Orlandi de textos selecionados do autor, publicada pela editora Pontes em 2011.

⁵ FD daqui em diante.

[...] atravessadas (eu diria mesmo constituídas) pelas diferenças, pelas contradições e pelo movimento. Mas são um princípio de organização para o analista e são parte da constituição dos discursos e dos sujeitos. As formações discursivas não são definidas a priori como evidências ou lugares estabilizados, mas como regiões de confrontos de sentidos. (ORLANDI, 2014b, p. 13)

Para Denise Maldidier (2003), a FD foi concebida como componente da Formação Ideológica⁶. A autora lembra-se de uma fórmula manuscrita por Pêcheux em 1982 em que ele afirma que a presença de um não-dito atravessa o dito sem que haja uma fronteira que possa ser localizada. Isso porque, para Pêcheux (2011, p. 68)

[...] a relação que associa as significações de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é absolutamente secundária, mas constitutiva das próprias significações: conforme justamente observamos, falar não é algo totalmente diferente de produzir um exemplo de gramática.

Mais adiante, no mesmo texto, Pêcheux vai afirmar que “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (idem, p. 73). Isso nos remete a outra questão: FD e FI estão interligadas. Isso ocorre “[...] pelo fato de que no discurso há sempre um discurso outro, função da relação de todo dizer com a ideologia (com a exterioridade, com o interdiscurso)” (ORLANDI, 2014b, p. 13). Neste contexto, não pode deixar de ser mencionada a memória discursiva que se sustenta no já-dito e retorna toda vez que o discurso se atualiza, visto haver no discurso sempre um discurso outro, o que torna imprescindível que seja considerada a relação entre a paráfrase (o mesmo) com a polissemia (o diferente) porque se trata de forças que sustentam a ligação com o simbólico.

Outro conceito basilar na AD é a noção de memória discursiva⁷. Em Pêcheux, a memória não pode ser vista apenas como sinônimo de lembranças de caráter homogêneo sem rasuras ou apenas a retomada de dizeres, pois também é deslocamento, ruptura, lugar de diferenças constituintes que incidem sobre o dito (e sobre o não-dito). Dessa forma, vale destacar:

⁶ FI daqui em diante.

⁷ MD daqui em diante.

A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena cujas bordas seriam transcendentais, históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramento, réplicas, polêmicas e contradiscursos. (PÊCHEUX, 2007, p.56).

Para Pêcheux (2002, p. 60), cabe à análise do discurso “[...] explicitar as montagens, os arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Sob este escopo, o sentido é construído na conjuntura sócio-histórica e a noção de discurso enquanto efeito de sentido entre interlocutores é nodal para pensar as formações discursivas que determinam as posições dos sujeitos. Em outros termos, as palavras não podem possuir um sentido fechado em si mesmo já que o efeito de sentido se produz incessantemente. A memória, sob este prisma, sofre deslocamentos e reconfigurações que constroem ideológica e politicamente um efeito de coerência no discursivo. Isso ocorre porque a memória é sempre reconstruída na enunciação, “[...] faz lembrar e esquecer, a depender das contingências que lhe são extrínsecas e de interesses que lhe são constitutivos” (PIOVENZANI & SARGENTINI, 2011, p. 09).

Conforme mencionado anteriormente, a posição que cada sujeito ocupa na formação discursiva determinará o que ele pode ou não dizer. Levando em consideração que “[...] o interdiscurso delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido, pois é o interdiscurso que determina a formação discursiva (FD) com a qual o sujeito discursivamente se identifica” (PÊCHEUX, 1988, p. 213-14). Assim, ocupada outra posição na FD o sentido das palavras tornam-se outros. A FD é um construto histórico, na mesma medida que o sujeito o é, e a MD também. Retomando o sentido, segundo Orlandi (2013, p. 38), “[...] não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Na AD, o sujeito é interpelado pela ideologia, pois quando enuncia algo em um determinado lugar, está situado na história e seu dizer está repleto de ideologia, afinal “[...] é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2013, p. 38). Ainda, pela presença da ideologia na língua é possível haver relações entre os discursos, estas é que são as fontes do sentido, pois, “[...] um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. [...] Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso.” (id, ibid, p. 39).

enunciados verbais (excetuando-se o título das historietas) o arcabouço teórico precisa ser utilizado como ferramenta auxiliar, passível de modificações de acordo com a análise empreendida.

Levando em consideração materialidades discursivas não necessariamente linguísticas, como enunciados não verbais, Pêcheux (1988) menciona a falta de uma “teoria do gesto como ato simbólico” ao concluir, após analisar o discurso de um político, que a materialidade linguística não é suficiente visto que o discurso se materializa no sujeito interpelado pela ideologia, com fatores externos como a reação do público que redireciona algumas vezes a fala do orador. Este exterior pode ser constituído de enunciados não verbais, como gestos, imagens, disposição das figuras, etc. É esta ancoragem que nos possibilita analisar a imagem (discurso não-verbal) articulada com enunciados verbais nas materialidades de análise a seguir. Tanto Quevedo (2012) quanto Fernandes (2012) se propuseram a construir um dispositivo para analisar a imagem, ambos, com reflexões profundas do campo teórico, partem de afirmações como:

Comumente se diz que vivemos em uma sociedade imagética. Vez por outra, ouvimos declarações ousadas, como a de que a imagem já substitui a palavra escrita; [...] como a de que ela significa muito mais intensamente do que o verbal (o apregoado discurso de senso comum “uma imagem vale mais que mil palavras”); (QUEVEDO, 2012, p. 14).

Somos consumidores de imagens: imagens fixas, móveis, voláteis, memoráveis. Expressões como “leitura de imagem” e “sintaxe visual” tornaram-se jargão comum no meio científico. Há um desejo de apreender a imagem, capturá-la por meio de descrições e classificações em categorias que fixam o olhar, [...] tirando do significante visual seu efeito mais peculiar: sua singularidade. (FERNANDES, 2013, 14).

A articulação de elementos verbais e não verbais em propagandas de instituições que atribuem papel de destaque para imagens não podem ser percebidas apenas em termos de não-verbal que se submete à ordem do verbal ou como complemento. Assim como enunciados verbais, enunciados não verbais podem vir a ser outros e podem ser percebidos na sua especificidade e na relação com o todo. Expostos os princípios e

atrapalhada se faz presente, têm-se as aventuras de uma bruxa que frequentemente entra em confusão e, apesar de ter poderes mágicos, passa por muitas dificuldades. Isso ocorre devido ao uso inadequado da magia ou do jeito desastrado que faz com que ela acabe se atrapalhando. O livro *A bruxinha atrapalhada* foi considerado o melhor livro sem texto pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1982.

procedimentos que compõem a teoria que utilizaremos, passamos agora à análise das imagens articuladas com enunciados verbais, visto que, em ambos os casos, elas ocupam a centralidade das propagandas veiculadas. As peças imagéticas serão analisadas em dois níveis: i) descrição da imagem no nível do verbal e não-verbal; ii) relações entre enunciados. Dessa forma, ressaltando que a AD parte de uma abordagem interpretativa do sentido, não se pode homogeneizar o gesto de interpretação e, por isso, não existe nenhum modelo prévio que se possa obedecer para que a análise se efetue. A partir de tais pressupostos, analisemos:



Imagem 1⁹

A imagem 1 é um cartaz-propaganda de divulgação de processo seletivo da ESPM. No nível verbal¹⁰ temos: uma adjetivação à escola, destaque ao curso de Publicidade e Design; afirmação de preparo para o mercado; oportunidade de dupla certificação, em letras menores; em fontes maiúsculas temos a palavra “vestibular” seguida do nome da instituição, site, símbolo da instituição, lista de cursos e, em seguida, novo destaque para o curso de design.

Na descrição do não-verbal temos: uma mulher branca, maquiada, penteada e vestida de branco, ao redor de sua cabeça circundam imagens computadorizadas que remetem: ao símbolo do Facebook, a duas mãos se cumprimentando, a uma figura que representa ser um arranjo de cabelo, a uma coroa, a um braço cuja mão segura um *ipad* ou similar, óculos, um globo terrestre. Na relação entre as cores aplicadas aos textos verbais no cartaz, a cor vermelha é utilizada no símbolo da instituição, na palavra vestibular e no enunciado “Você preparado para o mercado”. Em torno da moça, têm-se diferentes matizes de cores que oscilam entre o vermelho, o laranja e o amarelo.

⁹ Disponível em: < <http://www.agenciaduplo.com.br/wp-content/uploads/2012/11/eza-0051-12aa-vest2013-adm-jor-pp-261x171-01.jpg>> Acesso em 16 mar. 2016.

¹⁰ O nível do verbal será descrito em todo o ensaio do nível vertical da imagem, ou seja, da parte superior da imagem à inferior.

Levando em consideração que o nome do curso está envolto na cor laranja e o nome da faculdade na cor amarela, isso não é mero detalhe. No restante do cartaz, excetuando os tamanhos diferentes de letras, o que mais chama atenção é a preferência de chamar atenção ao leitor ao fato de que há um curso novo de Design da moda. Estamos nos terrenos da paráfrase (repetição) e da polissemia (novo).

A figura da modelo corrobora com a atenção que é dada ao novo curso de Design em moda, já que é um protótipo de beleza feminina (magra, branca, ocidental - hegemonia de um tipo de beleza). Também pode ser notada a materialização, em seu entorno, do que objetos associados à profissão escolhida podem acarretar para ela como a coroa, em alusão aos concursos de beleza; o aperto de mãos que pode remeter a negócios fechados, mercado de trabalho, lucros; os ícones relacionados à tecnologia que podem estar associados ao crescimento pessoal e aperfeiçoamento, especialização ou ferramentas a serem utilizadas durante e depois do curso; óculos relacionados a um contexto de relações de poder, materializando a imagem de intelectualidade, do sucesso acadêmico e o globo que pode representar o domínio, o fato de “ter o mundo aos seus pés”.

Cabe destacar que, para a AD, o sujeito não é nem totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores sendo constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo a fonte do sentido nem a origem do discurso (Cf. LEANDRO FERREIRA, 2005). Para Indursky (1989), as condições de produção são de natureza sócio-histórica. Isso remete a pensar que elas “[...] relacionam este sujeito a sujeitos históricos, que se identificam com uma formação discursiva e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente” (INDURSKI, 2015, p. 77).

Em relação às condições de produção, podemos afirmar que a propaganda foi elaborada para uma instituição de ensino superior que apresenta um curso de graduação como mercadoria oferecida ao leitor, por isso não é assinada. O fato de a autoria não estar materializada faz com que a falta seja constituinte da produção de sentidos do cartaz-propaganda visto que o que interessa ao contratante é que a instituição se sobressaia sobre quem elaborou, isto é, quem é o enunciador indivíduo se torna indiferente, a instituição passa a aparecer como veiculadora do dizer e este é o contexto que se sobressai. Por isso, é um apagamento necessário para que produza efeitos de “escolha” para o leitor. Textos institucionais podem ser um exemplo acerca da não

existência de uma neutralidade do discurso que se materializa na língua para produzir sentido, como no exemplo em questão. O que nos permite, enquanto leitores, “captar” a “mensagem” da propaganda em questão é um efeito de fechamento.

Temos, então, uma FI capitalista/mercadológica (sustentada pelas imagens de sucesso profissional e preparação para o mercado). O cartaz interpela o leitor por meio do efeito de exclusividade já que o aluno que estudar na instituição, associada à outra que é a melhor do mundo em criação e design, terá a oportunidade de dupla certificação agregando estudos internacionais ao seu currículo. Interessante notar que a informação acerca de melhor instituição do mundo está em maiúsculas, enquanto fim a ser alcançado, mas a explicação de qual é a referência na área encontra-se em letras menores e sem muita ênfase em relação à informação principal. A ênfase recai, portanto, sobre a contratante. O lugar ocupado pela personagem (à direita da propaganda) não é aleatório, visto que a leitura de textos, cartazes, *outdoors* ocorre da esquerda para a direita (Cf. MANGUEL, 1996; MACEDO et al, 2007; Starr & Rayner, 2001)¹¹. Há, então, um efeito de projeção de um sujeito que é coletivo (estudante de design) representado por uma imagem que tem efeito de homogeneização: mulheres cursam design e não são quaisquer tipos de mulheres (vide descrição anterior). Assim, a representação da coletividade se dá a partir de um efeito de fechamento em que temos, a partir da observação do texto, um efeito-texto¹². Para Orlandi (2012), como nenhum texto é uma substância homogênea, sua produção e leitura faz ressoar diversas subjetividades que se inscrevem em diferentes FDs.

Para Pêcheux (2002), como todo enunciado está intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, a propaganda pode produzir também um efeito de exclusão: não é uma propaganda voltada a pessoas que não tem condições financeiras suficientes para bancar o curso, a mulher representada não é nem gorda, nem negra, nem está desarrumada. O fato de a cor da roupa ser branca e estar envolta por duas tiras da mesma cor que

¹¹ Para Manguel (1996), a leitura se estabeleceu culturalmente, no Ocidente, dispondo o texto como um todo organizado constituído de uma forma corrente e contínua, em que a escrita ocorre da esquerda para a direita, sendo impossíveis outras ordenações. Para Macedo et al (2007), nas línguas ocidentais o movimento ocular durante a leitura, na maior parte das vezes, ocorre da esquerda para a direita. Para Starr e Rayner (2001), além disso, menos expressivamente, podem ocorrer movimentos oculares no sentido inverso podem com a frequência de 10 a 15 % de frequência durante a leitura, utilizados para refixar palavras ou construções durante a leitura (no caso em que aqui consideramos, também se insere aí a refixação de enunciados não-verbais, não apenas verbais).

¹² Para Indursky (2015, p. 81), todo texto “[...] se apresenta como uma ‘peça de linguagem’ dotada de completude. Ou seja, o efeito-texto resulta da ilusão de que tudo o que devia ser dito foi dito, nada faltando, nada sobrando. Assim, ele apresenta ilusoriamente, começo, meio e fim”.

envolve os elementos que estão em torno dela produz um efeito de hibridização com a instituição (à moda de “venha fazer parte deste universo”). Isso coloca a propaganda a partir de uma infinidade de sujeitos que podem vir a ser leitor dela nos terrenos da repetição. A opacidade da língua, como mencionamos anteriormente é constitutiva, e a repetição de discursos em circulação pode fazer com que não sejam apenas reproduzidos da mesma forma.

Repetir, para a AD, não significa necessariamente repetir palavra por palavra algum dizer, embora frequentemente este tipo de repetição também ocorra. Mas a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra no regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro. Essa possível movência dos sentidos pode ser captada pelo viés dos processos semânticos que se instauram no discurso. (INDURSKY, 2011, p. 71)

O entrelaçamento de significantes verbais e não verbais compõe a textualidade do texto. Estas não são as únicas interpretações possíveis, sequer definitivas para a propaganda em questão. Fazem atentar para o fato de que, no interior de uma teoria materialista do discurso:

Essa diferença no modo de interpretar um texto é própria da opacidade da linguagem e da incompletude do texto, efeito de sua relação com a exterioridade, o que significa que há uma equivocidade inerente a todo dizer que faz emanar sentidos outros que não foram pensados pelo seu enunciador, mas surgiram de seus interlocutores. (FERNANDES, 2015, p. 106)

Segunda imagem:

ENSINO A DISTÂNCIA
VESTIBULAR UNOPAR 2014

Prova dia: 24/11
 Inscreva-se já: www.unopar.br

CURSOS

ADMINISTRAÇÃO	ANÁL. E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS	ARTES VISUAIS novos
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	ECONOMIA novos
EDUCAÇÃO FÍSICA novos	ESTÉTICA E IMAGEM PESSOAL	GEOGRAFIA novos
GESTÃO AMBIENTAL	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	GESTÃO FINANCEIRA novos
GESTÃO HOSPITALAR	GESTÃO PÚBLICA	HISTÓRIA
LETRAS	LOGÍSTICA	MARKETING
MATEMÁTICA	PEDAGOGIA	PROCESSOS GERENCIAIS
SEGURANÇA NO TRABALHO	SERVIÇO SOCIAL	SOCIOLOGIA novos

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NO POLO ABAIXO:

ANEXO A ESCOLA CONSTRUINDO O FUTURO
 RUA ALBANO MÜLLER, 700 CENTRO
 TEL: (41) 3473-1766
 MATINHOS – PR

UNOPAR

Mais próximo para
 voar e mais longe.
www.unopar.br

Imagem 2¹³

Em relação ao nível verbal, na imagem 2 temos: o enunciado “ensino à distância”, em letras apresentadas em caixa alta seguido de um segundo enunciado verbal materializado em letras maiúsculas de tamanho maior que o anterior com os dizeres “VESTIBULAR UNOPAR 2014”. Adiante, a data das provas de seleção (mesma cor que o primeiro enunciado, mas somente a primeira letra em caixa alta, o restante em letras minúsculas), o link para que a inscrição possa ser efetuada, uma lista com os cursos ofertados (na qual figura a palavra “novo” ao lado dos cursos recém-criados; em que a palavra “cursos” está grafada na mesma cor que VESTIBULAR UNOPAR 2014 assim como o nome da instituição e o endereço do polo no qual se podem obter maiores informações). O nome da instituição, abaixo do símbolo que a representa, tem a mesma cor do item que remete às informações e inscrições no polo, bem como do enunciado em letras maiores que indica o vestibular e o ano de ingresso.

Em relação ao não-verbal, temos na imagem uma foto do ator e modelo Reynaldo Gianecchini, que sorri e aponta com o indicador esquerdo para o leitor do cartaz eletrônico de divulgação. A roupa que ele veste harmoniza-se com o fundo da

¹³ Disponível em: <<http://verdadeimparcial.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Unopar.jpg>> Acesso em: 18 de mar. 2016

imagem atrás dele, uma espécie de espaço vazio de portas fechadas com um pouco de luminosidade, azul como a camiseta que está usando como se a legitimidade de uma figura conhecida nacionalmente estivesse associada ao ato de cursar a instituição e alcançar sucesso na carreira. Abaixo do enunciado VESTIBULAR UNOPAR 2014 estão três imagens, aparentemente com o mesmo tamanho, que são as seguintes, da esquerda para a direita: i) uma condecoração escrita “MEC” conjugada ao texto “Cursos reconhecidos pelo MEC”; ii) ao lado, a imagem de um diploma seguido do sinal de igual e numa tela o mesmo diploma, seguido do enunciado “diploma igual ao presencial”; iii) a imagem de uma pessoa em frente ao computador, um professor ministrando aula, imagem seguida do enunciado “aulas ao vivo via satélite.” Cabe ressaltar que o símbolo da instituição está no canto inferior direito e se constitui a partir de uma letra “U” maiúscula na cor azul envolta por um átomo que tem a mesma cor que os enunciados que indicam data de prova, ensino à distância e endereço eletrônico para inscrições.

Quando relacionamos o verbal e o não-verbal (ação que já iniciou durante a descrição de especificidade que se entrelaçam nos níveis anteriormente mencionados), é interessante notarmos que a figura do ator mostra justamente a sua identificação com a instituição, seja notada, por exemplo, a cor azul e o fato de ele estar “atrás” de boa parte dos enunciados do cartaz, como se “já fizesse” parte de um mundo em que o sucesso é regra para quem está localizado na posição que ele ocupa no cartaz. Dessa forma, a posição do modelo na foto apontando o indicador para quem estiver lendo o texto pode produzir um efeito de interpretação de que uma carreira de sucesso pode ser projetada no leitor a partir da possibilidade de alcançar a posição social representada pelo autor, que passa pelo ato de cursar algo na instituição referida. Sobre as imagens em menor plano, logo abaixo do anúncio do vestibular, elas nos permitem tecer algumas considerações: se há uma necessidade de afirmar de que os cursos são reconhecidos pelo MEC e que o diploma é **igual** ao presencial, o discurso corrente sobre cursos à distância de que são desprestigiados permite perceber a ativação de uma memória discursiva deslegitimadora para que haja a subversão desse discurso, para que a legitimação da especificidade dos cursos à distância naquela instituição seja autêntica, pois um órgão oficial reconhece, atesta, prescreve uma assinatura que produz um efeito de qualificação.

Como a FD é uma matriz de sentido que determina o que pode e deve ser dito, ela também regula o que não pode nem deve ser dito. Logo, a memória discursiva que faz retomar argumentos de deslegitimação em relação à EaD não pode ser reproduzida no cartaz em questão. Mas isso não quer dizer que subjetividades, inseridas em diferentes FDs, fazem ressoar diferentes sentidos durante a leitura. Articulando-se com a FD, a FI aponta para o discurso de que é possível “comprar” uma educação de qualidade (porque é concebida como mercadoria) mesmo não seja um curso presencial (hierarquia imaginariamente concebida e reproduzida historicamente no social).

A imagem do ator e modelo famoso sustenta o imaginário de que a importância é destacada a partir do lugar a ser ocupado enquanto sujeitos formados após ter passado pelos cursos da instituição levando a um efeito de interpretação de que a instituição de ensino superior é um meio de alcançar o sucesso profissional. Corrobora o *slogan* que consta logo abaixo do símbolo da UNOPAR, “Mais próximo para você ir mais longe”, em que “ir mais longe” produz o efeito de sentido, se ancorado nesta FI, de alcançar a fama como o modelo que representa a universidade enquanto posição que remete a posições sociais definidas, muitas vezes distantes da posição ocupada pelos leitores do cartaz. O átomo que envolve o “U” maiúsculo, símbolos da instituição, produz um efeito de sentido que remete à inovação, à proximidade com a ciência, à atualização. Também neste caso a formação ideológica mercadológica/capitalista que subjaz a concepção de ensino como mercadoria.

Novamente, o apagamento de um sujeito-autor, de alguém que “assine” o cartaz remete às condições de produção dos enunciados veiculados na relação com o todo em que há o contexto de uma instituição promotora do evento de divulgação do cartaz, no qual se percebe um efeito de fechamento do texto sendo tomado como “peça de linguagem” dotada de completude. A completude e o fechamento, para Indursky (2015, p. 81) são necessárias para que se conclua o dizer, porque o texto, para a AD “[...] é um efeito-texto, espaço discursivo, dotado ilusoriamente de homogeneidade e completude, sendo seu fechamento da ordem do simbólico”.

A educação como interesse do capital

Em 2004, em ocasião da abertura do Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, István Mészáros apresentou um texto que, mais tarde, tornou-se livro sob o

título *Educação para além do capital* publicado pela editora Boitempo no ano seguinte. Expandindo as reflexões do autor de obras anteriores, como *Para além do capital* (1995) e *A teoria da alienação em Marx* (1970), o autor desloca suas considerações para o campo da educação, tema que já havia sido introduzido no livro de 1970¹⁴. Para Mészáros (2004), no sistema do capital não existe espaço para emancipação humana e isso ocorre porque é inerente ao capitalismo uma incontrollabilidade ocasionada pela acumulação incessante em termos de autoexpansão sob a lógica de produzir e reproduzir as condições que atuam na conservação do sistema.

A privatização do ensino superior insere a educação em um processo de mercantilização colocando-a no *hall* de negócios rentáveis a serviço do capital. Com a transformação da educação em objeto de interesse do capital, tem-se a expansão cada vez mais acentuada da comercialização do setor. Para Mészáros, tal transformação não é regional ou específica de dada região, mas um efeito mundial. Para Bottomore (1998, p. 266) mercadoria é tudo “[...] o que possa ser ‘comprado ou vendido’ numa perspectiva de acumulação do capital”. Neste caso, a partir da temática apresentada, é preciso que se promova um deslocamento para retornarmos às especificidades de uma teoria materialista do discurso em que a ideologia é um elemento determinante do sentido e se reflete na exterioridade, sendo constitutiva da prática discursiva (Cf. LEANDRO FERREIRA, 2005).

Dessa forma, o imbricamento dos enunciados verbais e não-verbais em ambas as materialidades de análise podem servir de exemplo para percebermos de que forma a ideologia pode ser vista como efeito da relação entre sujeito e linguagem, permitindo a identificação com a formação discursiva que determina o que pode e não pode ser dito. Assim, a linguagem não é transparente nem para aqueles que transformam a educação em mercadoria, nem para aqueles que contratam os serviços, visto estarem ambos inseridos em uma FI mercadológica/capitalista. Essa FI manifesta-se de diversas formas na FD em situações de enunciação distintas. Assim, o interdiscurso é determinante, visto que podem ser estabelecidas tanto relações de aliança quanto de conflito.

O conceito de FI é basilar na análise que efetuamos no presente trabalho, pois se refere a um conjunto coletivo de atitudes e representações, haja vista que o sujeito discursivo não pode ser confundido com o indivíduo, já que a partir de sua relação com

¹⁴ As obras estão sendo referenciadas a partir da data de publicação da versão original. Na listagem de referências, ao final do trabalho, constam as versões publicadas em português.

a língua e com a história, a formação ideológica está também relacionada às relações de classe em conflito umas com as outras. Por isso Pêcheux (2011) afirmou que o sentido das palavras muda de acordo com as posições daqueles que as empregam.

Cabe ressaltar que a autoexpansão do capital pode ser pensada a partir da necessidade de expansão da oferta pública de serviços educacionais que atendam a um público maior, já que um contingente expressivo da população não consegue arcar com os gastos do ensino privado. Mas também é preciso levar em consideração que a oferta de serviços públicos destinados à população não pode ser efetuada a partir de um viés quantitativo somente, pois isso implica pensar em um contexto complexo em que a formação começa desde antes das séries iniciais do ensino fundamental e se prolonga para o resto da vida¹⁵, a julgar as condições necessárias de contínua autoformação que resulta na emancipação humana. Para que isso ocorra, não se pode deixar de “[...] desfazer a confusão atual entre democratização da educação superior e massificação” (CHAUÍ, 2003, p. 13).

Para Boaventura de Sousa Santos e Naomar de Almeida Filho (2008), sob as rédeas do capital, a universidade é pressionada a tornar os conhecimentos e recursos humanos a serviço do capital, explorando-os comercialmente. Desse modo, a condição mercadológica de autoexpansão capitalista pressupõe, assim, que as instituições, aos poucos, acabem se transformando em uma marca a ser comercializada. Para Orlandi (2011), a mundialização atual é uma globalização financeira. Para a autora, essa mundialização não deixa de se revestir de contradição que é estruturante do discurso de mundialização. Assim, temos “[...] a contradição entre o real (da divisão, da pobreza, da criminalidade) e o imaginário (da difusão, da partilha, da proximidade da escala planetária, etc.)” (ORLANDI, 2011, p. 40).

No caso de nossas análises, como o foco recai sobre a mercantilização da educação superior, tem-se o real (da desigualdade, da divisão entre os que têm condições financeiras de custear o ensino privado) e o imaginário (do acesso a um universo produtivo financeiramente, da apologia do “lugar pra todos”, do “basta cursar”, das matrículas que são porta de acesso ao mundo, etc.). A mundialização, inclusive, se insere como discurso na primeira materialidade em que a legitimação da instituição

¹⁵ De acordo com o IBGE, divulgado no ano passado, 13,2 milhões de brasileiros foram considerados analfabetos com 15 anos ou mais. No mesmo contexto, a taxa de analfabetos funcionais no país é de 17,6 % (Fonte: PNAD 2014 – IBGE).

superior está associada à articulação com uma escola do exterior premiada na área de design, por exemplo.

Dessa forma, é preciso retomar, inspirados em Michel Pêcheux, que existe a divisão da sociedade. Não somente há a divisão entre os que podem e os não podem dizer, há também outra divisão que é aquela que negligencia os que não têm acesso a bens e serviços oferecidos em diversas instâncias e marginaliza-os. Por isso, é tão importante refletir acerca das relações entre a língua e a história pensando o discurso como lugar em que se estabelece esta relação (Cf. MALDIDIER, 2003). Sendo assim, tecer gestos de interpretações a partir destes contextos implica em pensar nos modos de existência dos sujeitos e no funcionamento que estrutura a formação social em que vivem, em que suas vidas acontecem.

No caminho das reticências (para produzir um efeito de conclusão)

Como mencionado anteriormente, todo texto emerge e é produzido como um efeito-texto e há, na AD, um efeito de fechamento¹⁶ produzido a partir de uma ilusão necessária ao sujeito-autor, de que há um efeito de conclusão. A partir disso, cabe ressaltar que nenhum gesto de interpretação é definitivo, tampouco único em relação à materialidade que se analisa. Podemos apresentar inserindo o presente trabalho na ordem de um “efeito de fechamento”, dessa forma, as seguintes considerações:

- Os analistas do discurso brasileiros pautados na AD Francesa produzem deslocamentos teóricos no interior de uma disciplina de entremeio situando, não raras vezes, a necessidade de pensar na articulação de diferentes linguagens. Alguns autores pautaram suas análises a partir de textos mudos (Cf. FERNANDES, 2013) – no sentido de não possuírem enunciado verbal – outros para materialidades em que verbal e não-verbal estão articulados. Como exemplos de trabalhos em que este viés de articulação entre verbal e não-verbal ou direcionado para mobilização de gestos de interpretação do não-verbal podemos citar: Ernst-Pereira & Quevedo (2013; 2014), Fernandes (2013; 2014a; 2014b; 2015), Mittmann (2011), Orlandi (1995), Quevedo (2012), entre outros.

- A AD nos permite uma visão menos ingênua da linguagem. Dessa forma, a análise de discurso de propagandas de instituições privadas de ensino superior, como

¹⁶ Para Gallo (1994), a textualização de um texto se dá produzindo seu fechamento em que o preenchimento de espaços no texto pelo autor faz com que haja indicação de hora e espaço de determinado evento a partir da contextualização e do ato de tornar “público” o resultado de sua produção.

as que aqui analisamos, se torna importante no sentido de demonstrar como os discursos produzem sentido e circulam na sociedade, além de, é claro, notar como são retomados os já-ditos que se revestem de outros contornos, em que o texto se estabelece a partir da relação entre paráfrases (repetição) e polissemias (novo).

- Analisar textos em que o verbal e não-verbal se fazem presentes permite ao pesquisador notar que não é apenas o verbal que produz sentido pois o não-verbal também produz sem que sejam hierarquizados um em relação ao outro, visto que ambos produzem sentidos e fazem ressoar diferentes sentidos inscritos em diferentes FDs.

- Os diferentes sentidos produzidos inscritos em FDs distintas permitem que se acentue o fato de que nenhuma FD é homogênea ou estabilizada, fato que havia sido sinalizado por Pêcheux e acentuado por Orlandi (2014b, p. 13) quando esta afirma que as FDs “[...] não são definidas a priori como evidências ou lugares estabilizados, mas como regiões de confrontos de sentidos” (ORLANDI, 2014b, p. 13). Dessa forma, a materialidade analisada é constituída de um processo de produção de sentidos na relação com outros textos e discursos. Esses enunciados produzem sentidos a partir de diferentes posições ideológicas e, dessa forma, significam de modo distinto.

- A existência de enunciados verbais ou não-verbais tanto estabelecendo relações entre si quanto a partir de suas especificidades, permitem acentuar que em Pêcheux (2002) todo enunciado está suscetível de tornar-se outro. Então, cabem as palavras de Mittmann (2011, p. 103) para quem, na AD, convém lembrar que o interdiscurso é recortado pelas FDs “[...] que trazem em si, em virtude da contradição histórica, processos de injunção e interdição: o não-dito no dito. Nesses processos, sentidos são relembrados enquanto outros são esquecidos”.

- A educação não pode ser pensada pelo viés mercadológico/utilitarista, pois assim contribui para a mercantilização do ensino, fazendo com que o capital continue se alimentando em processo sem fim. É necessário pensar na divisão social de classes que se estabelece a partir da observação dos modos de existência dos sujeitos. Por isso, analisar discursivamente não é apenas um ato teórico, é também gesto político.

Referências:

BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CHAUÍ, M. A Universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, v. 01, n. 24, 2003, p. 05-15.

COURTINE, J. J. *Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage*. Langages, Paris, n. 114, jun. 1994, p. 05-12

ERNST-PEREIRA, A.; QUEVEDO, M. Q. Uma mesma diferente imagem: que objeto é esse? *Entretextos*, Londrina, v. 03, n. 02, jul./ dez. 2013, p. 266-287.

ERNST-PEREIRA, A.; QUEVEDO, M. Q. O rosto (in)visível: um exercício teórico-analítico da materialidade (verbo)visual em AD. *Signum: estudos da linguagem*, Londrina, v. 17, n. 02, 2014, p. 11-31.

FERNANDES, C. A imagem da leitura e a leitura da imagem: a contribuição da análise de discurso para a assunção da autoria nas aulas de interpretação de texto. *Raído*, Dourados, v. 09, n. 19, número especial, 2015, p. 99-114.

_____. A interpretação do livro de imagens: uma análise em construção. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. (orgs.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 89-100.

_____. A opacidade da imagem no desvelar da evidência subjetiva. *Práxis* (Rolim de Moura), v. XI, 2014a, p. 76-90.

_____. *A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais*. Tese (doutorado em linguística) Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto alegre: Brasil, 2013.

_____. Esse e outros campos: a construção do arquivo visual dos campos de concentração nazistas. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 9, 2014b, p. 55-68.

FURNARI, E. *A bruxinha atrapalhada*. São Paulo: Global, 2002.

GALLO, S. *Texto: como aprender esta matéria?* Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil, 1994.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: _____.; MITTMAN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-90.

_____. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. *Discurso e textualidade*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 37-88.

_____. *Texto, contexto e significação nos processos de produção de sentido*. *Leitura: teoria e prática*, v. 08, n. 14, dez.1989, p. 05-24.

LEANDRO FERREIRA, M. C (org.). *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.

MACEDO, E. C.; LUKASOVA, K.; YOKOMIZO, J. E.; ARIENTE, L. C.; KOAKUTU, J.; SCHWARTZMAN, J. S. Processos perceptuais e cognitivos na leitura de palavras: propriedades dos movimentos oculares. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)* v. 11, n. 2, 2007, p. 275-83.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *A teoria da alienação em Marx*. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. *Para além do capital*. Trad. Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2002.

MITTMANN, S. Texto imagético e autoria. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 91-104.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. *Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das Letras*. Campinas: Pontes, 2014a.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. *Rua*, Campinas, v. 01, n. 01, 1995, p. 35-47.

_____. Introdução: Uma amizade firme, uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica. In: ORLANDI, E. *Gestos de leitura: na história do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2014b, p. 09-16.

PÊCHEUX, M. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 99-103.

_____. Língua, linguagem, discurso. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 63-76.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. ; DAVALLON, J. ; DURAND, J. PÊCHEUX, M. ; ORLANDI, E. (org.). *O papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes, Campinas, SP: Pontes, 2007, P. 49-58.

_____. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: ORLANDI, E. (org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2011, p. 21-54.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: EdUnicamp, 1988.

PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. Introdução. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 07-38.

QUEVEDO, M. Q. *Do gesto a (à) gestão dos sentidos – Um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Brasil, 2012.

SANTOS, B. S.; FILHO, Naomar de Almeida. *A universidade do século XXI: para uma nova universidade*. Coimbra: PDF, 2008.

STARR, M. S.; RAYNER, K. Eye movements during reading: some current controversies. *Trends in Cognitive Sciences*, n. 5, 2001, p. 156-163.

REGISTER FOR COURSE ME, THEREFORE I AM: EFFECTS OF VERBAL AND NON-VERBAL PRODUCTION OF SENSES

ABSTRACT

The present paper aims to undertake an exercise of interpretation from two vestibular commercial posters of private universities with theoretical French discourse analysis of Michel Pêcheux. Taking into account the relationship between language and history is necessary to understand the text as language crossed by subjectivities and various, both enrolled in different discursive formations. The results point to the market/capitalist ideological formation that underlies the concept of education as a commodity.

Keywords: marketing education, language and history, discourse analysis.

Recebido em 21/02/2017.
Aprovado em 01/04/2017